

## NARRATIVA DE FUNDAÇÃO DE CIRENE E MODOS DE CONTATO ENTRE GREGOS E LÍBIOS EM ÉPOCA ARCAICA

Daniela Bessa Puccini<sup>1</sup>

### Resumo

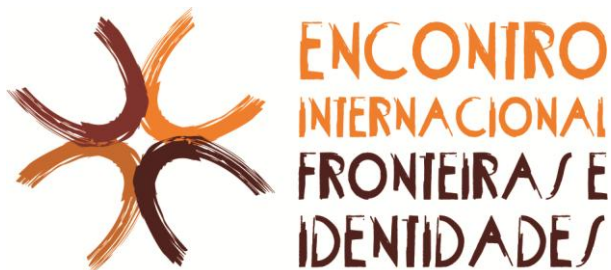
A partir de documentos literários, epigráficos e arqueológicos que atestam a relação entre Gregos e Líbios em Cirene de sua fundação, em 630 a.C., até o século IV a.C., esta comunicação pretende discutir de que modo se operou a construção de identidades nesta pólis em época arcaica e clássica. Tomando como ponto de partida o livro IV de Heródoto – no qual encontramos um quadro bastante amplo sobre a monarquia dos Batíadas e as tribos líbias vizinhas dos Gregos do platô cireneu --, será analisado o contato estabelecido entre esses grupos a partir das evidências de que nesta colônia a distinção entre grupos nômades e grupos sedentários/seminômades foi mais fortemente percebida do que entre Gregos e Não Gregos. Neste contexto serão abordados o processo de integração/repulsão entre esses diversos grupos e a percepção das várias fronteiras que compõem este território, sejam elas internas ou externas. Além do relato de Hérodoto, que neste aspecto tem como ponto alto a narrativa da reestruturação cívica operada na Reforma de Demonax (IV, 161) na metade do século VI a.C., lançaremos mão de alguns documentos epigráficos datados do século IV a.C. – como o Diagramma de Ptolomeu (SEG IX, 1), a Oferta a Apolo do Dízimo da Batalha contra os Maques e Nassamonos (SEG IX, 77) e a Grande Lei Sacra (SEG IX, 72) --, de relatos de autores como Salústio, Pseudo-Scylax e Diodoro Sículo, além de materiais arqueológicos encontrados em santuários rurais nos quais se atesta forte sincretismo religioso e cultural.

Os relatos de fundação fornecidos pelos gregos não nos contam como as cidades foram fundadas, mas como os gregos, como cultura, lembravam essas fundações arcaicas e continuavam a descrevê-las para eles mesmos (Dougherty 1993, p. 15). Deste modo, as metáforas contidas nestas narrativas fazem parte de um arsenal de códigos e procedimentos conhecidos dos gregos, que devem ser traduzidos por nós como parte de um discurso colonial, identificando o que é peculiar a esta cultura e o que motiva este discurso.

No caso particular de Cirene -- cuja fundação arcaica foi descrita de modo quase detalhado no livro IV de Heródoto e na qual é apresentado o primeiro relato etnográfico dos grupos indígenas líbios que viviam em contato com os gregos, a relação entre colono e indígena é apresentada em linhas gerais como de colaboração. Neste *topos* literário, observamos ainda que o historiador -- ao propor uma classificação dos diversos grupos líbios

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (bolsa Fapesp), danipuccini@gmail.com



em nômades e sedentários -- procura ressaltar os traços que aproximam os grupos sedentários do modo de vida helênico, mais do que as diferenças que marcam o seu discurso de alteridade. Aqui se entrevê um esforço de compreensão dos mecanismos que os gregos utilizaram de modo bastante perspicaz para alcançar um equilíbrio que possibilitasse o desenvolvimento da colônia.

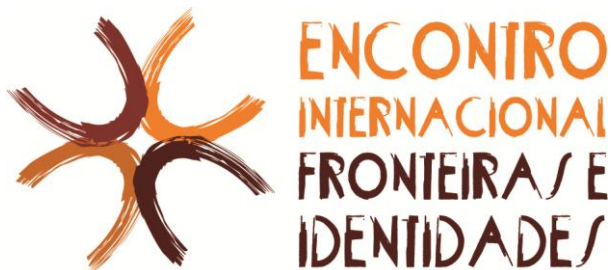
Através de um enfoque antropológico, é possível identificar portanto os procedimentos e os instrumentos de contato que os gregos utilizaram nessas expedições coloniais, cuja variedade de situações e de resultados refletem não somente a heterogeneidade de configuração das expedições coloniais propriamente, mas também a diversidade das civilizações mediterrâneas que se confrontaram com a chegada dos colonos e as suas diversas respostas a esta iniciativa.

A antropologia nos fornece uma estrutura para analisar metáforas culturais e os vários modos nos quais a cultura se representa a si mesma. (...) Apesar de existir uma fluidez entre o que nós identificamos como mito, história e lenda, havia para os gregos um claro sentido dos diferentes tipos de narrativas sobre o passado, e nós precisamos identificar a peculiaridade do padrão grego e os motivos da narrativa de colonização. (Dougherty 1993, p. 7-8)

Neste sentido, a relação que se estabeleceria em um ambiente todo novo, com a decorrente exigência de adaptação daqueles modelos praticados na metrópole, depende do caráter da relação e da distância dos dois sistemas sociais – a dos colonos e a dos indígenas: “o grau de compatibilidade econômica e social ou de incompatibilidade entre o sistema estatal dos colonos e o território com a sociedade que eles procuram sujeitar” (Lattimore 1962, p. 59) é que vai definir o caráter da relação que vai se estabelecer neste novo ambiente.

A questão do contato cultural nas *poleis* coloniais de fundação arcaica, como já bem observou Lepore (1973), não pode prescindir portanto de considerações sobre a divisão territorial e as relações de produção que se operam sobre a terra propriamente, uma vez que os territórios onde os gregos se instalaram eram já ocupados precedentemente -- se não o território urbano, ao menos suas margens -- por populações que pertenciam a outras civilizações, com características culturais e econômicas diversas.

Assim, é evidente a aproximação que Heródoto faz dos grupos que viviam sobre o platô, em contraposição aos líbios nômades que viviam nas zonas desérticas e praticavam o nomadismo. Os Asbistis, ele nos conta, eram os que mais aderiram aos costumes gregos, e



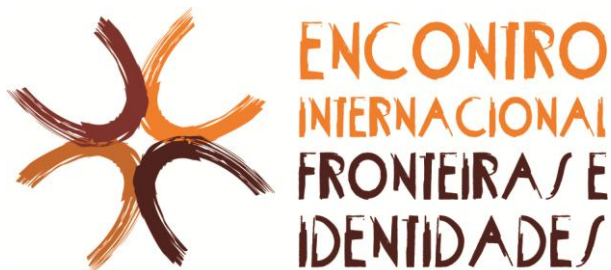
eram hábeis condutores de quadriga. Foram eles inclusive que ensinaram os gregos a conduzir o carro puxado por quatro cavalos (IV, 170). Os Ausquises e os Bacales, que viviam nas fronteiras de Barce, Taucheira e Euespérides – outras três cidades gregas da Cirenaica -- tinham os costumes similares aos dos Líbios *perioikoi* dos cireneus, os Asbistis (IV, 171). Essa maior proximidade com os Líbios do platô, que resultaria inclusive na integração dos líbios vizinhos dos cireneus ao corpo de cidadãos da pólis na metade do século VI a.C. (Hdt. IV, 161), foi fator determinante para que se desenvolvessem entre colonos e nativos interesses comuns que consolidassem relações de parceria na exploração dos recursos existentes na região. (Fig. 1)

A existência desses interesses econômicos podia ser vislumbrada já na escolha do sítio onde foi instalada Cirene. Segundo o relato de Heródoto (IV, 157-158), em um primeiro momento, os Thereus se instalaram na ilha de Plateia, no Golfo de Bomba, e posteriormente em Aziris, território onde habitavam os Giligames, um grupo nômade que vivia nesta área. Somente depois de sete anos, não tendo conseguido as condições necessárias para o estabelecimento da colônia, os Giligames os conduziram até o local onde seria fundada Cirene, que Heródoto definiu como “onde o céu é furado”, em referência às chuvas que caíam abundantemente nas partes mais altas do platô. Ali, então, os gregos encontraram as condições ideais para a instalação de uma *pólis* de vocação agrícola: altura para a acrópole, defesas naturais, água corrente e fontes. Além de melhores condições para a agricultura e a criação de animais, o platô era um ponto estratégico para que os gregos tivessem maior controle do território onde se encontrava o silfium<sup>2</sup>, que Heródoto (IV, 169) dizia crescer a partir do Golfo de Bomba, onde os gregos haviam tentado se instalar em um primeiro momento, até a Sirte. Em Cirene, portanto, eles estariam no centro da área onde crescia o silfium e a uma distância de 30 km da costa, onde estava o porto de Cirene. (Fig. 1)

Um escólio de Aristófanes (Schol. *Pl.* 925) nos informa que “o mais prestigiado dos produtos”, o silfium, teria sido oferecido pelos Líbios a Batos I, certamente como um dos instrumentos das relações iniciais entre Gregos e Líbios. A planta que cresce de modo espontâneo fora da área de cultivo certamente exigiu a colaboração dos líbios na sua exploração. Aristófanes (*Pl.* 925) nos informa que o silfium era monopólio dos Batíadas.

---

<sup>2</sup> O silfium era uma planta que crescia espontaneamente nas zonas estépicas ao redor do platô da Cirenaica, e foi largamente exportada para o mundo grego devido às suas propriedades medicinais e seu largo uso na culinária. Sobre o silfium, vd. Chamoux 1953, p. 246 ss.; Parisi Presicce 1994, p. 85-86.



Nesta parceria, os líbios faziam a coleta e a preparação dos produtos fabricados a partir desta planta, como atesta Teofrasto (*Hist. Pl.* IX, 7, 7), e os gregos cuidariam da sua comercialização. O produto gozou de grande prestígio entre os gregos desde os tempos de Sólon (*Pollux* X, 103) como um dos produtos sofisticados que chegavam ao Pireu. Na Taça de Arcesilau, de origem lacônica, é representada uma cena interpretada pelos estudiosos como a “pesagem do silfium”. A cena é ambientada em uma embarcação e o rei, sentado em um trono, controla a pesagem do produto (enquanto servos fazem o carregamento do silfium, que é transportado em sacas, na parte inferior da imagem). (Fig. 2)

O silfium foi representado como símbolo de Cirene nas moedas desde as primeiras emissões, em período arcaico, e sobre tetradracmas de prata emitidos entre 525 e 480 a.C. encontramos a representação de uma divindade, conhecida como a Deusa do Silfium por não encontrarmos uma identificação exata com uma divindade do panteão grego. Ela é representada sentada em um trono, com *pollos*, e tem a mão pousada sobre uma planta de silfium (Fig. 3). Também em estatuetas de terracota provenientes da *khóra* de Cirene e do seu porto, Apolônia<sup>3</sup>, datadas entre o fim do V e metade do III século a.C., figura uma divindade feminina com atributos gregos e líbios: basicamente ela veste um manto com capuz, característico do vestuário das mulheres líbias (*Hdt.* IV, 189)<sup>4</sup>, em alguns exemplares ela usa o *pollos*, e combina de diversas maneiras o silfium, a gazela<sup>5</sup>, que é um animal típico das estepes pré-desérticas, ou um recipiente. (Fig. 4 e 5)

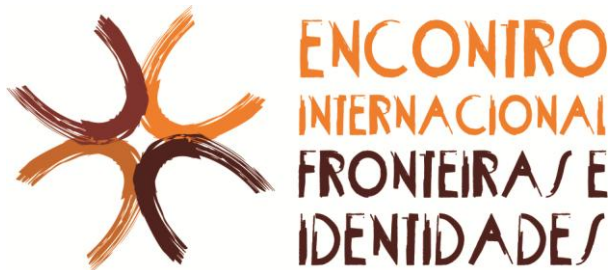
No entanto, para o desenvolvimento econômico da colônia, os gregos precisariam assegurar a mão de obra necessária à agricultura, à coleta e preparação do silfium, assim como à criação de animais, que requeriam para o seu desenvolvimento não somente uma mão de obra mais numerosa, mas ainda o conhecimento do regime de chuvas na região e um domínio do movimento de transumância entre o norte e o sul do platô.

Como observa Lepore (1973, p. 15), a necessidade de equilíbrio interno na *khóra* colonial, e portanto da criação de comunidades independentes, exigiu algumas adaptações a um modelo vivido na metrópole que não se reduz exclusivamente ao uso da terra, mas à

<sup>3</sup> As estatuetas foram encontradas em uma gruta da escarpa Noroeste da Acrópole, fora dos muros, assim como das escavações efetuadas na cinta murária de Apolônia e da *khóra* de Cirene onde se encontra a cidade moderna de Shahat e das escavações feita em El Gubba, na estrada entre Cirene e Derna (Parisi Presicce 1994, p. 88; Bacchielli 1994, p. 47 ss.).

<sup>4</sup> Para uma melhor caracterização das mulheres líbias sobre diversos suportes, vd. Fabricotti 1987, p. 222, n. 3.

<sup>5</sup> Sobre o uso do silfium e da gazela com atributos territoriais nas representações monetárias de Cirene, vd. Bacchielli 1994, p. 49.



exigência de um maior controle político, uma definição mais rigorosa das relações pessoais e sociais diante da comunidade -- a começar por aquela familiar, do *oikos*, e as suas implicações patrimoniais.

A inferioridade numérica representada pelos colonos, que chegaram segundo Heródoto (IV, 156) em duas embarcações de cinquenta remos, exigia que os colonos rapidamente iniciassem a incrementar a população através de casamentos com as mulheres líbias. Afinal, somente esses matrimônios mistos trariam aos colonos as condições de estabilidade e de permanência para que se empreendesse em segurança uma empresa como a colonização.

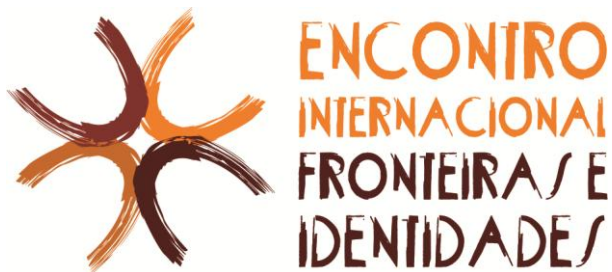
De fato, é com relação à população feminina da Cirenaica que Heródoto (IV, 186) observa uma aproximação maior com a cultura nativa. Ele relata que as mulheres de Cirene possuíam hábitos alimentares semelhantes aos dos povos líbios nômades e dos egípcios. Ele afirma, inclusive, que essas mulheres cultuavam a Ísis egípcia, praticavam jejum e celebravam festas em sua honra. De fato, a fundação do Santuário Extraurbano de Deméter e Perséfone<sup>6</sup> trinta anos após a fundação da cidade foi sem dúvida uma prioridade no processo de coesão e de integração dessas mulheres à cultura grega. Localizado ao sul do núcleo urbano, este santuário fazia portanto a mediação entre a *ásty* e a zona ao sul de Cirene, onde viviam os Asbistes, os líbios que construíram o Santuário de Slonta, na parte mais alta do platô.

Ora, estes casamentos podem ser enquadrados como um dos procedimentos de contato praticados no Mediterrâneo antigo. A aplicação desses procedimentos, que entram no âmbito das leis de reciprocidade e do dom e contradom sistematizados por Mauss (1923) e reelaborados por Polanyi (1983) no âmbito das sociedades arcaicas, supõe que fossem praticados ou reconhecidos pelas populações nativas, mesmo que na complexidade da *apoikia* grega, o uso desses mesmos procedimentos não tenha impedido a diversidade de situações de contato:

(...) estes procedimentos teriam um determinado resultado com base “não somente na diversidade em que se operaram essas correntes coloniais e no tipo de assentamento grego logo na chegada, mas na diversidade de estruturas sociais e de comportamentos e respostas ao contato e ao impacto (...) das comunidades locais (Lepore 1973, p. 32).

---

<sup>6</sup> Sobre o sincretismo de Deméter-Perséfone com uma divindade ctônica líbia e a Ísis egípcia em Cirene, vd. White 1987.



Nesta narrativa, destaca-se a importância desempenhada pelos chefes dos clãs líbios<sup>7</sup> (e dos faraós egípcios) na relação com a família Batída e com a pólis, e pode explicar a sobrevivência de um sistema de tipo “monárquico” em Cirene e de uma mesma dinastia por tão longo período. Como observa Florenzano (2004, p. 53), “percebe-se que nas prestações recíprocas existe uma certa simetria entre os parceiros da troca, ou seja, são pessoas que se encontram em uma posição equivalente no interior da sociedade, e, na troca, nenhuma delas assume uma posição dominante mesmo que em alguns casos exista uma competição de ‘generosidade’”. Certamente a mediação de um rei de cultura grega neste contato estabelecia um ponto de identificação entre as duas culturas e colocava os *basileus* de Cirene em posição de igualdade aos olhos dos líderes de clãs líbios.

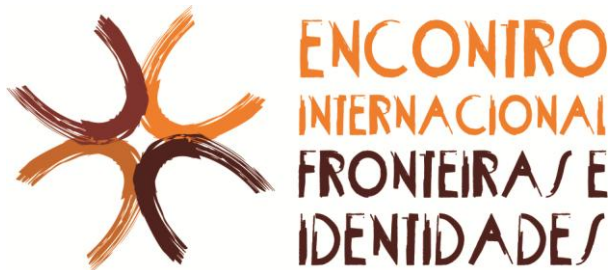
O nome de Batos, dado ao fundador da colônia, e que denominaria alternadamente os reis seguintes desta dinastia, Heródoto afirma que na língua dos líbios significava Rei (Hdt. IV, 155). Batos, que Píndaro (*Pyth.* V, 87) chamava de Aristóteles, era portanto um rei entre reis. E mesmo que Heródoto insista que a Líbia fosse desconhecida dos gregos quando da colonização, o papel de mediador desempenhado pelo Oráculo de Delfos sinaliza para a existência de acordos muito bem estabelecidos no momento da *ktiseis*, que poderiam ter sido mediados<sup>8</sup> por um órgão diplomático que promoveu mesmo uma corrente colonizadora deste porte. O questionamento de Heródoto sobre o fato de Batos ter recebido este nome antes ou no momento da colonização, mesmo que não confirme, ao menos atesta esta possibilidade. Se assim fosse, a sua condição de rei já estaria assegurada por intermédio de Delfos antes mesmo que ele desembarcasse na Líbia: “eu creio que a sacerdotisa o interpelou em língua líbia porque sabia que ele seria rei na Líbia” (IV, 151).

Através do sistema monárquico que vigorou por dois séculos em Cirene foram estabelecidas alianças por matrimônio entre famílias reais gregas e líbias, parte de códigos de conduta reconhecidos por ambas as culturas que tinham como fim viabilizar a governabilidade na nova colônia, sem prejuízos evidentes para os líbios. Heródoto (IV, 164) menciona que em Barce um rei tinha um nome de origem líbia, Alazeir, que era sogro de Arcesilau III, rei de Cirene. O relato de fundação desta cidade nos permite entrever que este personagem deveria ser filho de um dissidente da família Batída com uma princesa, uma

---

<sup>7</sup> Sobre a classificação da organização social e política dos grupos indígenas líbios, vd. Kormikiari 2001.

<sup>8</sup> Esta rede de relações que antecederam a chegada dos gregos na Líbia passa também pelo papel de mediador do cretense Corobios, o pescador de murex que já conhecia a Líbia e que conduziu os gregos até Plateia (IV, 151).



nobre líbia (Giuangiulio 2009, p. 92-93). Neste aspecto ainda podemos recordar a ligação de amizade e de aliança que proporcionou o casamento de uma princesa Cireneia de nome Laodiké com Amasis, faraó do Egito (Hdt. II, 181).

(...) os vínculos matrimoniais eram os instrumentos mais idôneos dos quais se servia a aristocracia grega e bárbara para estabelecer uma série de relações que previam obrigações recíprocas, de vários tipos, e que respondia cada uma a uma finalidade de objetivos múltiplos, no quadro de um comércio social, por assim dizer, internacional entre famílias nobres, em cujo âmbito – como ensina Vernant -- a troca de mulheres era um meio para criar ligações de solidariedade ou de dependência, de adquirir prestígio, de confirmar uma relação subalterna (...) em cujo âmbito as mulheres desempenhavam um papel de bens preciosos, *agalmata*. (Nenci e Cataldi 1983, p. 592)

Certamente as alianças que se desenvolveram na colônia desde sua fundação foram determinantes mesmo para a organização da *khóra*, com as delimitações de suas fronteiras, cuja legitimidade dependia de alianças entre *basileus*, que garantiriam e protegeriam esses acordos. A questão da distribuição da terra e dos incrementos populacionais dos gregos -- seja com fins de defesa ou de expansão da *khóra* colonial -- tocava no problema dos territórios periféricos e nos acordos estabelecidos com a população nativa já assentada no território, que nestes casos acabava por ser empurrada para as suas margens (Lepore 1973, p. 31). Assim é que, quando Batos II, na terceira geração dos Batíadas – quando a monarquia já se desviava para um modelo de tirania --, fez um apelo a todos os gregos para que viessem colonizar Cirene com a promessa de uma redistribuição de terras, foi um rei dos Asbistis, de nome Adikran, que se ofendeu e decidiu empreender uma guerra contra os cireneus, que empurravam os líbios para terras de pior qualidade (Hdt. IV, 159).

A esta altura, a população já estava suficientemente mista para que a permanência da cultura grega em solo líbio não fosse ameaçada. De qualquer maneira, foi em consequência deste desacordo de fronteiras, de delimitações de espaços que, com a mediação do Oráculo de Delfos, os cireneus trouxeram, no final do VI século a.C., um legislador de Mantinea, de nome Damonax, para reestruturar o quadro cívico. Nesta ocasião, os Thereus e os seus *perioikoi*, os Líbios vizinhos dos cireneus<sup>9</sup>, passaram a fazer parte da primeira das três tribos nas quais foram enquadrados os habitantes da cidade -- precedendo os Peloponésios e os

---

<sup>9</sup> Sobre a interpretação da palavra *perioikoi* neste parágrafo e as diversas opiniões que se manifestaram entre os estudiosos da Cirenaica, vd. Mitchell 2000, p. 87-88; Pugliese Carratelli 1987, p. 28 .

Cretenses, da segunda tribo, e os habitantes das ilhas, da terceira. Ao rei, Damonax subtraiu os seus poderes políticos, administrativos e militares, entregando-os ao *demos*. (Hdt. IV, 161)

A monarquia perdurou ainda por mais um século depois desta reforma, e mesmo que o sistema monárquico inaugurado por Batos desse lugar a um maior poder para a classe fundiária, a figura do rei foi mantida até a queda do último dos Batíadas, em torno a 450 a.C.<sup>10</sup> Como observa Dougherty (1993, p. 5), a narrativa de fundação, ainda que seja uma construção da memória sobre a grande experiência grega em terras longínquas, ao se debruçar em eventos passados, procura explorar “as formas pelas quais a consciência constitui e coloniza o mundo que procura habitar confortavelmente”. E são esses elementos da consciência grega que procuramos interpretar à luz dos códigos e metáforas que nos restaram.

## FIGURAS

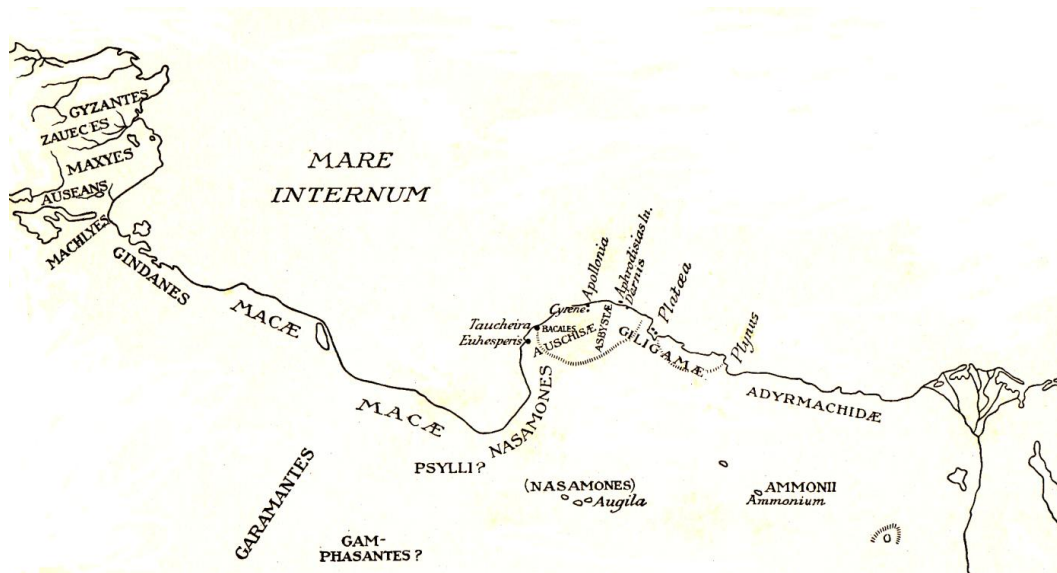


Fig. 1. Mapa étnico-geográfico da Líbia oriental: Heródoto. Escala: 1 : 13.550.000. (Bates 1914, p. 53)

<sup>10</sup> Heraclides Lembo, *Exc. Polit.* 2, 212. Sobre a cronologia, vd. Napoleone 1999, p. 95.



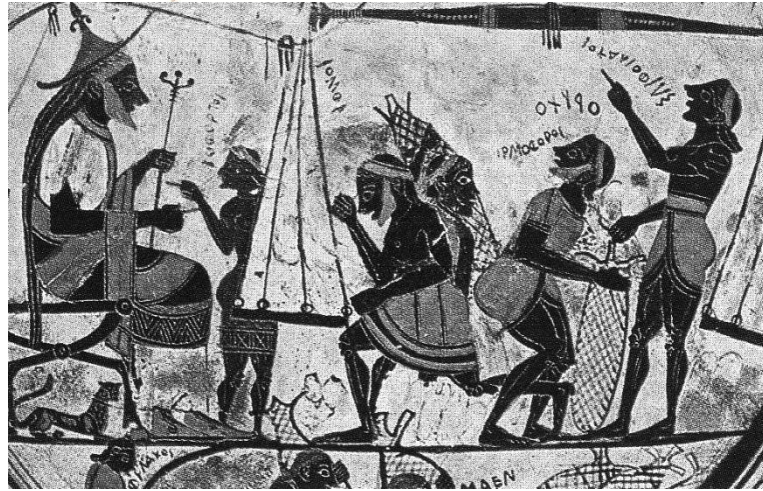


Fig. 2. Detalhe da Taça de Arcesilau, cuja representação foi interpretada como “a paisagem do silfium”. Cerâmica lacônica, fim do VII-início VI século a.C. (Bonacasa; Ensoli 2000, p. 19)



Figs. 3. À esq., anverso de tetracma ático (AR, 17,20 g), Cirene, 570-480 a.C., com representação da Deusa do Silfium. (Robinson 1927, p. xxiii, n. 12a, pl. III.1)

Fig. 4. Ao centro, Reprodução de estatueta com a representação da “Deusa do Silfium” (Fim V-met. III sec. a.C.). (Parisi Presicce 1994, p. 89, tav. II.f)

Fig. 5. À dir., Tetracma ático (AR, 17,11 g), Cirene, 525-480 a.C. Silfio / Gazela. (Robinson 1927, p. 4, n. 15, pl. III.7)

### Bibliografia

BATES, O. *The Eastern Libyans. An Essay*. London: Macmillan, 1914.

BACCHIELLI L., L'ostracismo a Cirene, *RFil* 122, 1994, p. 257-270.

BONACASA, N.; ENSOLI, S. *Cirene*. Milano: Electa 2000.



- CHAMOIX, F. *Cyrène sous la monarchie des Battiades*. Paris: Boccard, 1953.
- DOUGHERTY, C. *The poetics of colonization. From city to text in Archaic Greece*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.
- FABBRICOTTI, E. Rilievi culturali del mondo pastorale cirenaico, *LibyaAnt*, 3, p. 75-81.
- FLORENZANO, M. B. B. A reciprocidade e a Grécia antiga. In: CARVALHO, A. G. (org.). *Interpretação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo*. Vitória da Conquista: UESB, 2004.
- GIANGIULIO, M. 'Bricolage' coloniale. Fondazioni greche in Cirenaica. In: LOMBARDO, M.; FRISONE, F. (Org.). *Colonie di colonie: le fondazioni sub-coloniali greche tra colonizzazione e colonialismo*. Atti del Convegno Internazionale (Lecce, 22-24 giugno 2006). Università del Salento/Dipartimento di Beni Culturali. Lecce: Congedo, 2009, p. 87-98. (Collana del Dipartimento, 16).
- KORMIKIARI, M. C. N. Os grupos indígenas berberes na Antiguidade: a documentação textual e epigráfica, *Revista de História* 145, 2001, p. 9-60.
- LATTIMORE, O. *Studies in frontier history. Collected Chapters 1928-1958*. Paris-La Haye: Mouton & Co., 1962.
- LEPORE, E. Problemi dell'organizzazione della chora colonial. In: FINLEY, M. I. *Problèmes de la terre en Grèce ancienne*. Paris/La Haye: Mouton & Co., 1973. p. 15-47.
- MAUSS, M. Essai sur le don, forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques (1923-1924). Republicado em *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1968.
- NAPOLEONE, A. La δημοκρατία a Cirene. Problemi e prospettive, in *AnnAStorAnt* 6, 1999, pp. 91-107.
- NENCI, N.; CATALDI, S. Strumenti e procedure nei rapporti tra Greci e indigeni. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Forme di contatto e processi di trasformazione nelle società antiche*. Atti del convegno di Cortona (24-30 maggio 1981), Scuola normale superiore e École française de Rome. Pisa-Roma: "Erma" di Bretschneider, 1983, p. 581-606. (Collection de l'École française de Rome, 67).
- PARISI PRESICCE, C. La dea del silfio e l'iconografia di Panakeia a Cirene, *LybSt* 25, 1994, p. 85-100.
- POLANYI, K. *The livelihood of man*. New York: Academic Press, 1977. Edição italiana: Torino: Einaudi, 1983.
- PUGLIESE CARRATELLI, G. Κυρηναϊκά, *QuadALibia* 12, 1987, p. 25-32.
- ROBINSON, E. S. G. *Catalogue of the Greek coins of Cyrenaica in the British Museum*. London: British Museum, 1927.
- WHITE, D. Demeter Lybissa. Her Cyrenean Cult in Light of the recent excavations, *QuadALibia* 12, 1987, pp. 67-84.